



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS

JOSIANE RODRIGUES CAMPOS DE MARCHI

**ESTAMIRA E CAROLINA MARIA DE JESUS: ESCRITA E ORALIDADE NA
(DES)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES**

JARDIM – MS
2021

JOSIANE RODRIGUES CAMPOS DE MARCHI

**ESTAMIRA E CAROLINA MARIA DE JESUS: ESCRITA E ORALIDADE
NA (DES)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com habilitação em Português/Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Anailton de Souza Gama

JARDIM – MS

2021

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO
PORTUGUES/INGLES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO**

JOSIANE RODRIGUESCAMPOS DE MARCHI

**ESTAMIRA E CAROLINA MARIA DE JESUS: ESCRITA E
ORALIDADE NA (DES)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES**

APROVADO EM: 28 de janeiro de 2021



Prof. Dr. Anailton, de Souza Gama Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Presidente da Banca



Profa. Dra. Rita de Cássia Aparecida Pacheco
Limberty Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul (UEMS)

Examinadora



Prof. Dr. Gerson Bruno Forgiarini de Quadros
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Examinador

MARCHI, Josiane Rodrigues Campos de. **Estamira e Carolina Maria de Jesus: Escrita**

e oralidade na (des)construção das identidades. Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Jardim-MS. 2021.

1. Refugio Humano. 2. Língua. 3. Invisibilidade.

Bibliografia.

Josiane Rodrigues Campos de Marchi

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Jardim-MS. 2021.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Jardim, 28 de janeiro 2021.



Josiane Rodrigues Campos de
Marchi

Foi pensando nas pessoas que executei este projeto, por isso dedico este trabalho a Maria Luiza, Ivone, Sara, e tantas outras invisíveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço grandemente a minha família, meu marido Lelo Marchi pelo amor e compreensão nos dias mais sombrios da nossa existência. Minha mãe, eu sei que ela partilha comigo meus sonhos mesmo a quilômetros de distância, minhas irmãs, irmão e sobrinhos.

Aos meus amigos....

Aos meus professores....

Por fim, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Anailton de Souza Gama que aceitou a aventura de me orientar nesse processo encantador.

“Há uma voz que canta, uma voz que dança
Uma voz que gira (gira)
Bailando no ar”.

(Raul Seixas)

MARCHI, Josiane Rodrigues Campos de. **Estamira e Carolina Maria de Jesus**: Escrita e oralidade na (des)construção das identidades. Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Jardim-MS. 2021.

RESUMO: Este trabalho pretende fazer uma abordagem da obra de Carolina Maria de Jesus e do documentário homônimo Estamira do cineasta Marcos Prado. Para a construção deste trabalho utilizamos como fonte o livro *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada e o documentário Estamira, além de nos apropriarmos das contribuições de Bauman (2005), que nos traz a definição sobre “refúgio humano” produto inegável e inseparável da modernidade evidenciando os seres humanos que são abandonados, excluídos do mundo social e de sua própria humanidade. Mikhail Bakhtin que reforça o quanto a língua é primordial na vida dos homens e a interação por meio da linguagem se dá num contexto onde todos participam em condição de igualdade e Bourdieu que nos mostra que o ambiente onde o sujeito se encontra será responsável por julgá-lo. Com recorte dessa teoria além de outras complementares vamos tecendo a história de Carolina e Estamira mulheres que ousaram levantar a voz, vozes que ecoam até os dias atuais vencendo a invisibilidade.

Palavras-chave: Refúgio Humano. Língua. Invisibilidade.

MARCHI, Josiane Rodrigues Campos de. **Estamira e Carolina Maria de Jesus**: Escrita e oralidade na (des)construção das identidades. Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Jardim-MS. 2021.

ABSTRACT: This work intends to approach the work of Carolina Maria de Jesus and the documentary of the same name Estamira by the filmmaker Marcos Prado. For the construction of this work we used as a source the book Quarto de Despejo: diary of a favela and the documentary Estamira, in addition to appropriating the contributions of Bauman (2005), which brings us the definition of “human refuse”, an undeniable and inseparable product of modernity showing the human beings who are abandoned, excluded from the social world and their own humanity. Mikhail Bakhtin who reinforces the importance of language in the lives of men and interaction through language takes place in a context where everyone participates on an equal basis and Bourdieu who shows us that the environment where the subject is will be responsible for judging it. With this theory as well as other complementary ones, we weave the story of Carolina and Estamira, who dared to raise their voices, voices that echo to the present day overcoming invisibility.

Keywords: Human waste. Language. Invisibility.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO I	13
2.1 Carolina Maria de Jesus e sua necessidade de escrita	13
2.2 Do lixo para a escrita	15
2.3 Do lixo às obras	15
2.4 Estamira por ela mesma	16
2.5 Do lixo à tela do cinema	17
3. CAPÍTULO II	19
3.1 O lixo se fez carne	19
3.2 Língua enquanto construtora da identidade do sujeito	20
4. CAPÍTULO III	24
4.1 A voz escrita de Carolina	24
4.2 Invisibilidade	24
4.3 Refugo humano	26
4.4 Fome	27
4.5 A voz de Estamira	32
4.6 Revelar	32
4.7 Nome	33
4.8 Invisibilidade	34
4.9 Transbordo	35
4.10 Oralidade	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

No acelerado mundo capitalista contemporâneo, na frenética rotação da globalização, os seres humanos que não se adequarem às novas regras da ordem são imediatamente descartados e excluídos da sua própria humanidade.

A obra *Vidas Desperdiçadas*, de Zygmund Bauman (2005), descreve as nefastas consequências da globalização. Classifica como refugo humano aqueles que não conseguiram absorver na dinâmica da modernização, os excessivos e redundantes, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar; com isso, produz-se uma saga eliminadora. Efetivamente causa mortes, fome, pôr fim a eliminação sumária.

Há uma produção significativa de lixo, daquilo que ficou obsoleto, que foi ultrapassado, tornou-se inútil, feio e enjoativo, são jogados longe dos grandes centros urbanos são colocados em depósitos, sem qualquer tipo de tratamento e nem mesmo reciclagem. E não se reduz, necessariamente, ao lixo material, produzido pelas pessoas que vivem nas cidades, entregue a um aterro sanitário, mas lança seu foco sobre o lixo social. Então, o sonho do objeto que não se quebra, não se torna obsoleto, perde-se na realidade capitalista. Nada pode ser útil para sempre.

É a partir desse caminho excludente de invisibilidade, descarte e refugo humano que temos como objeto de estudo a escrita e oralidade de duas mulheres incrustadas à margem da sociedade capitalista do século XX, Carolina Maria de Jesus e Estamira.

O objetivo desta pesquisa é analisar o livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Essa análise pretende abarcar a consciência de luta de duas mulheres com características semelhantes e que encontraram na linguagem uma forma de aparecer e transcender mesmo em meio ao lixo. Carolina escreve com muita clareza sobre a fome, divisão de classes, sistema político e exclusão social, se impõe fortemente contra todos os desajustes sociais da época. Tem-se também como objeto o documentário homônimo Estamira, que expõe sobre sua concepção de mundo e todas as adversidades, falas que carregam em si as marcas de sua cultura e seu influxo como ser social, que através da transcendência enxergava o mundo com outros olhos; ela falava do seu novo mundo, fazia desse mundo seu castelo imaginário um refúgio da vida.

Ao analisar a temática proposta, este trabalho será pautado na investigação a respeito do tema escolhido - escrita e oralidade - responsáveis pela visibilidade do ser. Será

realizado por meio do método bibliográfico e visual (documentário). O estudo avaliará com olhar investigativo materiais e pesquisas referentes ao objeto estudado no caso desta análise, trata do livro *Quarto de Despejo Diário de uma Favelada* e, Estamira documentário homônimo de Marcos Prado, lançado em 2006. Nos amparamos no livro *Vidas despedaçadas*, de Zygmunt Bauman (2005); *Cinderela Negra*, de Meihy e Levine, material este que nos permite ter uma visão de como a sociedade se encaminhava no período de escrita do *diário*. Destacamos também o livro de Marcos Prado, *Jardim Gramacho* (2004); Pierre Bourdieu (2008), *A economia das trocas Linguística: o que falar e o que dizer*” e Mikhail Bakhtin (2000) com sua *Estética da criação verbal*.

Diante do material avaliado vemos, notadamente, tanto Carolina Maria de Jesus quanto Estamira compartilham histórias semelhantes, criam novas possibilidades de sentido para a realidade servindo-se da linguagem verbal como forma de expressão criadora,

O homem é um ser social, possui um atributo que o faz se destacar entre outras espécies existentes na terra. Esta especificidade é a linguagem, característica que faz do homem um ser vivo extraordinário, o considera enquanto tal. Não se pode negar a relação existente entre língua e sociedade para analisá-la faremos uma análise entre língua e contexto sociocultural, incidindo pela relação entre a língua, linguagem e poder na posição social do falante, como isso transforma o modo de vida do sujeito,

No Primeiro capítulo analisaremos a vida e obra de Carolina Maria de Jesus e Estamira, o fator da invisibilidade social que Carolina e Estamira vivem, como que passaram a existir através da oralidade e da escrita. De refúgio humano a sujeito, Carolina encontrava na escrita uma maneira de valorizar o seu conhecimento cultural de mundo e de vida e Estamira encontrava na palavra o poder e a usava com entusiasmo, como meio de fixar sua existência em meio ao lixo.

No segundo capítulo refletimos sobre o papel do sujeito na língua, a identidade social, o contexto social que influencia fortemente na produção da fala em si, do julgamento que o próprio falante faz do uso do conhecimento e do outro que o ouve também.

No terceiro capítulo apresentamos uma aproximação entre a obra e o documentário, isto é, analisamos como a autora Carolina Maria de Jesus via a sociedade que a apertava do ponto de vista de uma favelada que era, dentro da Favela do Canindé, e, como Estamira enxergava o mundo, como ela com sua oralidade, perpassava as montanhas de lixo para fazer sua voz ecoar de dentro do quarto de despejo.

CAPÍTULO I

2. CAROLINA E ESTAMIRA: VOZES NA ESCRITA

Carolina Maria de Jesus, mulher semialfabetizada, vivia dentro da favela só lhe restando a legitimidade da sua luta para denunciar uma realidade que a incomodava e sufocava, para se acalmar encontrava conforto nas palavras. Para Carolina, “[...] quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”. (JESUS, 1960, p. 19).

Sua escrita é pronunciada a partir da simpatizante experiência do ambiente da favela; em seu texto, o contexto vai gerenciando uma narrativa própria. A literatura não era para Carolina uma opção, e sim uma forma de vida, é através de sua escrita que vamos percorrer o caminho do existir a partir da escrita. Quem foi Carolina?

2.1 Carolina Maria de Jesus e sua necessidade de escrita.

Como embasamento usaremos BARCELLOS (2015) para descrever a vida de Carolina Maria de Jesus: nasceu em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914, filha de negros que migraram para a cidade no início das atividades pecuárias na região. Oriunda de família muito humilde, a autora estudou pouco. No início de 1923 foi matriculada no colégio Allan Kardec, primeira escola espírita do Brasil, na qual crianças pobres eram mantidas por pessoas influentes da sociedade. Lá estudou por dois anos sustentada pela Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira.

Carolina se mudou para São Paulo em 1947, início da modernização do Brasil, assistiu e viveu o surgimento das primeiras favelas do país. Sua história começa na favela do Canindé, um aglomerado de casas que margeavam o rio Tietê. Ela se adornava todos os dias no desafio em ultrapassar pela palavra o obstáculo entre sua vida e a realidade sufocante da favela sentindo-se exilado nela e dentro dela. A personagem assim se expressa:

Não digam que fui rebotalho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora. (JESUS, 1960, s/p).

A autora migrou para São Paulo em busca de novas oportunidades. Quando saiu de Minas Gerais, Carolina fixou-se em Franca, onde foi trabalhadora doméstica por sete anos. Só em 1947, depois da morte da mãe, Carolina mudou-se para a capital paulista. Quando chegou a São Paulo começou a trabalhar na casa do médico cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini. Ao invés de sair para passear, Carolina usava seu tempo na biblioteca particular de Zerbini, ele permitia que a empregada usasse sua biblioteca para ler em seus dias de folga e essa atitude foi tão grandiosa que foi como jogar gasolina no fogo.

Passou-se um tempo, a negra, trabalhadora doméstica, se enamorou de um marinheiro português e engravidou do primeiro filho, João José de Jesus. Com a gravidez ela não pode trabalhar mais em casa de família, então foi morar na rua. Em um momento que a cidade iniciava um período de modernização e o surgimento das favelas e o governo da época despejava os pobres e moradores de rua para as margens, surgiu então uma das favelas chamada Canindé onde Carolina foi morar; teve mais dois filhos, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima; morou e viveu na favela do Canindé até 1960.

Para Santos; Borges (2013, p. 6), os primeiros barracos do Canindé surgiram quando o governador quis “limpar” o centro da cidade e mandou que caminhões levassem os moradores de rua para outro lugar. Esse outro lugar era o Canindé, às margens do rio Tietê. Não se tratava de uma grande favela, comparada com as de hoje em dia. Tinha cerca de 180 casas e uma só torneira onde as mulheres buscavam água.

Carolina morou no Canindé no período da escrita do livro, o presidente era Juscelino Kubitschek, o país passava por um momento de evolução e transformação. Ao assumir a presidência, Juscelino Kubitschek estabeleceu a legenda de sua política econômica, prometendo cinquenta anos de progresso em cinco de governo. Dois prefeitos da cidade de São Paulo, foram bem marcantes na vida de Carolina, Jânio Quadros (1953 até 1955) e Ademar de Barros (1957 até 1961), pois suas políticas sociais, dentro do desenvolvimento da capital paulista atingem diretamente Carolina e as outras pessoas ao seu redor. Essa configuração com que foram afetados é descrito na obra, de maneira direta, simples e sincera.

2.2 Do lixo para a escrita

Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever.
Todos os dias eu escrevo sento no quintal e escrevo (JESUS,1960 p.19)

Para sobreviver, Carolina catava papel e materiais recicláveis, nas horas vagas lia, escrevia e produzia sua arte. Escritora, lavradora, contista, romancista, empregada doméstica, sambista, ela tinha uma vida multifacetada. Nesse processo de produção, um jornalista que trabalhava na revista *O Cruzeiro* fazia uma reportagem na Favela do Canindé e conheceu Carolina. Seu nome era Audálio Dantas ela, então, mostrou-lhe seus escritos, diários, poesias, mas o que chamou a atenção de Audálio foi um diário que possuía inúmeros cadernos nos quais narrava o drama de sua indignação e o dia-a-dia do Canindé e pela contundência de sua escrita testemunhal.

O jornalista, sensibilizado pela escrita de Carolina, mas principalmente pelo escrito testemunhal da autora, se debruça sobre os originais cujo teor era o lixo e cuja personagem era o refugio humano.

Em 1960 foi publicado o primeiro *diário*, pois o jornalista tornou-se o mediador desta com o mercado editorial da época, participando da edição dos livros e publicando a produção de Carolina na imprensa. Entre os livros mais conhecidos de Carolina Maria de Jesus destacamos *Quarto de despejo (diário de uma favelada)*, foi um grande sucesso editorial chegando a vender cem mil exemplares na época. Além disso, foi produzido em quatorze idiomas e distribuídos em mais de quarenta países. Carolina foi convidada para vários eventos políticos, acadêmicos, entrevistas nacionais e internacionais.

2.3 Do lixo às obras

Desde sempre, em toda história, o lixo sempre esteve ligado ao indesejável, ao avesso do progresso: fedor, excremento, contaminação, podridão. Porém, o que vai para o quarto de despejo são aquelas coisas que não queremos mais e que, por alguma razão, não conseguirmos aniquilar. Demandas que a própria humanidade fez questão, durante séculos, de ocultar, quem sabe por serem aspectos mal resolvidos da barbárie que ainda habita em nós.

Segundo FERNANDEZ (2018) *Quarto de Despejo* traz uma linguagem original, própria do presente das experiências de vida de Carolina, esta foi a sua primeira obra publicada em vida. Mesmo com um grau de instrução formal limitado, ela produziu muito, além do livro *Quarto de Despejo* (1960) publicou ainda mais três livros: *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963). Após a sua morte foram descobertos vários espólios, todo o material está dividido entre o Museu Afro Brasil (MAB), em São Paulo, a Biblioteca Nacional (BN) e o Instituto Moreira Salles (IMS), no estado do Rio de Janeiro, o Arquivo Público Municipal Cômego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick (APMS), em Sacramento, e o Acervo de Escritores Mineiros (AEM), em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais.

Em conjunto, os escritos deixados somam-se em cerca de quatro mil páginas manuscritas, cuidadosamente recolhidas por ela própria [...] O volume, contudo, é muita coisa até para profissionais da escrita. Se é verdade que isto interessa, sob muitos pontos de vista, para pessoas preocupadas com a história cultural brasileira, a produção de Carolina releva-se como um monumento pelo menos intrigante (MEIHY, 1996, p. 22).

Desde 1983, quando o linguista Carlos Vogt escreveu o artigo. *Os pobres na literatura brasileira* muitos estudiosos têm se dedicado a analisar aspectos variados da obra da escritora; esse artigo foi fundamental na retomada de Carolina. Logo em seguida, outro aporte importante foram os projetos dos historiadores José Carlos Sebe Born Meihy e Robert Levine, que resultaram na publicação de *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* e de *Meu estranho diário*. A quantidade de dissertações, teses, documentários, artigos de dimensões variadas que a tornam como objeto de pesquisa principal ou situado é crescente nesta última década.

2.4 Estamira por ela mesma

Antes d'eu nascer eu já sabia disso tudo. Antes d'eu ta com carne e sangue, é Claro, se eu sou a beira do mundo. Eu sou Estamira. (PRADO, 2004, p. 120)

PRADO (2004) descreve a vida de Estamira Gomes de Sousa (1941- 2011) ficou conhecida por protagonizar documentário homônimo. Foi uma mulher que apresentava distúrbios mentais, teve três filhos criados no aterro sanitário de Jardim Gramacho onde trabalhava, local que recebe os resíduos produzidos na cidade do Rio de Janeiro.

Estamira tornou-se famosa pelo seu discurso filosófico, uma mistura de extrema lucidez e loucura, que abrangia temas como: a vida, Deus, o trabalho e reflexões existenciais acerca de si mesma da sociedade dos homens.

Em um comentário sobre a autora, o diretor do documentário cujo objeto é Estamira e suas reflexões, Marcos Prado assim a define: “Ela acreditava ter a missão de trazer os princípios éticos básicos para as pessoas que viviam fora do lixo onde ela viveu por 22 anos. Para ela, o verdadeiro lixo são os valores falidos em que vive a sociedade”. Uma definição da mulher e obra que resume o que foi a personagem.

Estamira não morava no Aterro Metropolitano de Gramacho, vivia em uma favela no Rio de Janeiro e todos os dias ela tomava banho, se arrumava e ia trabalhar no aterro.

2.5 Do lixo à tela do cinema

O documentário de Marcos Prado está dentro da tradição dos filmes ficcionais do Cinema Novo dos anos 1960, do Cinema Marginal dos anos 1970 e da recente produção nacional de filmes, os quais adotam indicadores dos dois primeiros movimentos estéticos e políticos e atualiza outros sentidos.

Essas produções surgem com o objetivo de retratar realidades sociais como a periferia e as favelas dentro das grandes cidades: a pobreza, a violência, a fome, o lixo e a busca por identidades em um país de mestiços e indivíduos em trânsito constante.

Estamira (2006), direção de Marcos Prado e produção de José Padilha com 121min de duração, foi idealizado a partir de uma curiosidade do diretor de onde era despejado o lixo que ele descartava. O diretor do documentário descreve da seguinte forma:

Foi num dia chuvoso de domingo, em 1994, que me veio a ideia de conhecer de perto o local onde diariamente era depositado o lixo que eu produzia em minha casa [...] Fotografei durante dois anos o cotidiano de Jardim Gramacho [...] meu objetivo era desenvolver um estudo fotográfico sobre os catadores de lixo, pesquisar as variáveis que envolviam a reciclagem nos centros urbanos e ressaltar os motivos óbvios que levam os seres humanos a permanecerem no lugar mais degradante e inóspito de nossa sociedade. (PRADO, 2004, p. 32)

Em sua obra Jardim Gramacho o cineasta relata o processo de acompanhar o cotidiano dos catadores de lixo, uma mulher em especial chamou a atenção de Marcos Prado: Estamira, uma senhora de 63 anos, aparentemente com problemas psiquiátricos.

Depois de muita conversa ele ficou bastante intrigado e perplexo que acabou dando a ela um espaço de visibilidade. Estamira foi retratada em um capítulo em seu livro e, posteriormente, o projeto expandiu-se, dando origem ao documentário, desta vez totalmente consagrado à personagem.

Ao visitar Gramacho novamente por volta de 2000, Prado dá-se conta de que as fotos produzidas desde 1993 narravam a história superficial do local, deixando de lado o ser humano. "Faltava ser mais próximo de pessoas", afirma o diretor (PRADO 2004). Segundo o diretor:

No ano de 2000, seis anos após ter iniciado meu projeto, esbarrei com uma senhora sentada em seu acampamento, contemplando a paisagem de Gramacho. Aproximei-me dela e pedi-lhe para tirar o seu retrato [...] contou que morava num castelo todo enfeitado com objetos encontrados no lixo e que tinha uma missão na vida: revelar e cobrar a verdade. Nos tornamos amigos. Um dia, tempos depois de conhecê-la, ela me perguntou se eu sabia qual era a minha missão. Antes que eu respondesse, Estamira disse: "A sua missão é revelar a minha missão". Decidi fazer um documentário sobre a vida dela. (PRADO, 2004, p.34)

O pensamento de Estamira não se fecha no espaço do aterro. Transcende os limites. Percebemos isso devido ao comportamento verborrágico. Esse pensamento caracteriza-se por opiniões contundentes acerca de vários assuntos os quais alguns críticos denominam de "filosofia estamiral". O uso peculiar de alguns vocábulos e até mesmo neologismos explanam esse caráter nada ortodoxo de lidar com o mundo a sua volta, de construir sua própria "fala" no mundo.

CAPÍTULO II

3. A LÍNGUA COM O OBJETIVO DE NOMEAR O EXISTENTE

A língua apoia-se no outro, serve de ligação entre locutor e interlocutor. Ideológica por natureza, ela segue as ações de compreensão e experiências da vida humana. Concretiza-se como signo ideológico no fluxo da interação verbal, ganha diferentes significados de acordo com o contexto em que ela surge; por essa razão, a palavra é a revelação de um espaço em que os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se afrontam. Dessa forma, o texto põe o locutor e interlocutor frente a frente com o mundo tal qual idealizado e arquitetado por eles, quer seja nos seus aspectos perversos ou estigmatizados, quer seja na sua grandeza crítica e transformadora da ordem estabelecida. É essa ordem que marcou a identidade de Estamira e Carolina, o refugio afrontando e alcançando novos espaços através da língua.

3.1 O lixo se fez carne

Cheguei ao inferno. Devo incluir-me, porque eu também sou da favela. Sou rebotinho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, 1960, p.33)

A língua falada não é estática, considerada reflexo da cultura e determinante de formas de pensamento deve ser estudada de acordo com suas variações naturais, de ajuste com sua evolução suas categóricas formas de pensamento. Não deve ser, portanto, passível de julgamentos de certo ou errado.

De acordo com Bakhtin (2000, p. 346):

A língua, a palavra, são quase tudo na vida do homem. Essa realidade polimorfa e onipresente não pode ser da competência apenas da linguística e ser apreendida apenas pelos métodos linguísticos [...] A linguística estuda somente a relação existente entre os elementos dentro do sistema da língua, e não a relação existente entre o enunciado e a realidade, entre o enunciado e o locutor.

Se a consciência é constituída a partir dos discursos assimilados por cada membro de um grupo social se o homem é limitado por relações sociais, pois esta não respeita

naturalmente interferências desse tipo, não há uma individualidade de espírito nem uma individualidade discursiva absoluta.

A língua é primordial para que os indivíduos se componham em suas diversas classes. Esse processo de composição tem um caráter desigual devido às normatizações que são impostas aos falantes e, dentro dessa perspectiva, se o falante não estiver vinculado nesses padrões será excluído não só linguisticamente como também socialmente. O ambiente em que o falante se encontra será o responsável por julgá-lo e determinar a ele uma questão correspondente. Questão essa que além de também abranger a linguagem, abrange diversos poderes que, segundo Bourdieu (2008), são chamados de poderes simbólicos e são definidos pelo modo como a pessoa se comporta, modo de se vestir, sua condição social e várias outras características.

3.2 Língua enquanto construtora da identidade do sujeito

Através da língua que se faz a possibilidade de uma identidade tanto pessoal como social. Essa identidade é alcançada por meio das distinções de como a língua opera em diversas regiões do mundo e também sobre as pessoas. Podemos observar facilmente diferenças entre falares de um brasileiro e um japonês ou ainda, de um paranaense e um paulista. Essas diferenças são registros importantes de como a língua se comporta. Para Bakhtin (2002), o locutor é considerado um ser social.

Logo, ao serem concebidos como seres sociais, os locutores são construídos ao mesmo tempo pela interação entre eles e pelas relações com o extralinguístico e a sociedade. A diferença marca a identidade; é por meio da interação com o outro, da percepção do que não se é, que a identidade vai ser construída. Carolina e Estamira são “elemento marcado”, é o diferente.

A partir de um contexto, sobretudo, simbólico - o lixo – Carolina e Estamira problematizam a (ausência de) enunciação de subjetividades refugadas (que adquirem várias denominações relacionadas à precariedade, à marginalidade e à subalternidade, como invisíveis sociais e refugos humanos).

Isso ajuda a explicar, ainda que parcialmente, a necessidade de se dar voz ao outro, em geral pessoas de vida modesta, não midiáticas, que passam a exercer a tarefa de “sabedoria popular”, modelada pelas experiências empíricas.

Estamira, em seus acessos nervosos, vocifera contra Deus, contra a alienação dos seres humanos pela religião e pelos remédios “dopantes”, contra uma suposta sociedade de controle, estruturada para calar a voz e os pensamentos dos rebeldes (ela). Em sua retórica irada e em suas manifestações alucinadas, Estamira, sempre dizendo ser a reveladora da verdade, consciente de seu grau de perturbação, revela aguda coerência em suas análises intensas. A proclamação da verdade está com ela e, devido ao espaço dado à suas frases no filme, há um interesse por essa verdade.

O documentário Estamira transfere, assim, a voz do saber para um espaço autêntico, menos controlado, sem filtros ou coletes em seu duelo com as feridas da vida. A franqueza permeada de ódio é depositária de algo sagrado, com seu discurso não formatado e não negociado com as convenções do pensamento dominante.

A história mais conhecida sobre Carolina Maria de Jesus é de que no final da década de 1950, o jornalista Audálio Dantas topou com ela na favela do Canindé e ficou sabendo que aquela mulher negra, que trabalhava na maior parte do tempo como catadora de papel, e que criava sozinha três filhos pequenos, era autora de dezenas de cadernos. Entre eles, um diário extensíssimo que, editado por Dantas, virou o livro *Quarto de Despejo*, o primeiro documento que mostrou em primeira pessoa a desagradável realidade de ser mulher, negra e pobre neste país e, ao mesmo tempo, com quanta dignidade era possível suportar tanta discriminação.

“Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. ”

Segundo OLIVEIRA (2018) cotidiano da vida no Canindé – o verdadeiro quarto de despejo do título do livro – narrado por Carolina de Jesus é esqualido, violento, permeado por doenças, alcoolismo e fome, a fome que, logo de início, é definida como a escravidão dos tempos modernos. Mas também é cheio de suas reflexões sobre o Brasil e a vida da mulher negra.

Carolina e Estamira impõem uma nova visão de mundo, do mundo social, mesmo sendo refugos sociais; mesmo dizendo do lugar em que dizem, mesmo que suas vozes sejam, por algum tempo, abafadas socialmente. Para Bourdieu, (2008, p. 111):

O ato de magia social de tentar dar existência à coisa nomeada será bem-sucedido quando aquele que o efetua for capaz de fazer reconhecer por sua palavra o poder que tal palavra garante por uma usurpação provisória ou

definitiva, qual seja o poder de impor uma nova visão e uma nova divisão do mundo social.

Se a língua é caracterizada por muitos outros fatores, entre os quais um dos mais importantes, senão o mais importante, é o status social, a partir do contexto social que podemos assimilar a amplitude da língua e a sua importância no processo das relações sociais, ou seja é a importância que ela carrega consigo. Ela possui um domínio social que sempre serviu como instrumento de segregação social. Maurizio Gnerre, em *Linguagem, Escrita e poder* (1987), aponta para os fatores que permitem conjugar linguagem, escrita e poder e compara a língua a uma cerca de arame farpado, pois ela dificulta o acesso ao poder. A premissa pode ser verdadeira, mas também pode ser lida ao contrário, a língua também pode ser considerada uma cerca de arame farpado que permite o acesso ao poder.

A língua falada segundo as normas cultas da língua é vista como correta, bonita, enquanto a falada pelas camadas populares que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite é vista com desprezo e, muitas vezes, com intolerância. A classe menos favorecida torna-se refém do objeto de desejo dos indivíduos de melhor poder aquisitivo e são coagidos em seus atos e na linguagem. O poder exercido pela língua sempre esteve incutido na sociedade e a regeu de modo que o falar de uma minoria sempre sobressai sobre a maioria. De acordo com Bagno (2003, p. 29):

Na fala de um membro da elite letrada, esses erros são algo assim como “descuidos” ou “lapsos”, justificados por aquele chavão mais do que batido de que “essas pessoas podem até permitir errar porque sabem a forma certa” - que é como alguns professores tentam (sem sucesso) explicar a seus alunos as ocorrências de regras não-nominativas na obra de grandes escritores ou na fala de pessoas “importantes”. Essa mesma condescendência, no entanto, não é usada para classificar a fala dos cidadãos menos letrados: o mesmo fenômeno, agora, é tachado de “erro crasso” e ponto final

Pensar em linguagem e em língua é pensar em algo que não domamos totalmente, que nos define e nos identifica, mas onde temos poder limitado. A língua subsiste no tempo, não conseguimos domina-la e mesmo com as mudanças ao longo do tempo a língua é uma herança. Nós já nascemos numa língua que nos antecede e nos faz iguais, e que, de alguma maneira, nos desenvolvemos como seres humanos. Ela é constituída por uma rede complexa e dinâmica de regras e de convenções que ultrapassam o indivíduo e a sua época, mas que os determina com decisiva magnitude na sua configuração ideológica, histórica e indenitária; existe aqueles que detém um conhecimento maior dentro da gramática ou norma culta gerando uma separação, porque nenhuma linguagem nem nenhuma língua são isentas de valores, é também pela linguagem que o preconceito subsiste ou, pelo contrário, é ultrapassado.

A língua é, frequentemente, a primeira fronteira com que se conta, como todas as fronteiras, pode distinguir a linha de convívio entre diferentes ou, pelo contrário, separar universos de forma agressiva e decisiva. Para o detentor da palavra, a língua é decididamente um poder. Se o poder de determinar algo ou alguém é uma imputação linguística, torna-se claro que esse poder de definição não está igualmente distribuído. É sempre o elemento dominante, o sujeito hegemônico, aquele que detém a palavra e que pode definir e objetivar o outro.

Tanto Carolina quanto Estamira descobrem uma forma de fixar a palavra, mesmo em circunstância de invisibilidade. Em seu diário Carolina escreve: “Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros” (1960) e Estamira também se impõe com consciência de sua identidade e poder “Eu posso tudo porque sou Estamira”.

CAPÍTULO III

4. VOZES EM EVIDÊNCIA

Carolina e Estamira utilizam-se da única arma a seu alcance: a linguagem verbal. Por ter consciência de que a escrita e a oralidade eram o universo na qual poderiam se manifestar se firmar no contexto pretendido por elas mostram, com palavras, o mundo ao seu redor. Elas representam a voz dos invisíveis, dos que estão “à beira do mundo” por questões sociais e étnicas.

4.1 A voz escrita de Carolina

A fim de sofrer menos, escreve para esquecer as mazelas da vida na favela. Através de sua escrita observamos várias versões de um mesmo texto para FERNANDEZ (2018) os recursos utilizados serviam para embelezar e dramatizar o sofrimento, isto é, as violências sofridas desde a infância, a descoberta de um mundo desigual e racista, a cidade grande, o lixo e o mundo dos letrados. Sempre preocupada com a significação e a ortografia das palavras, ela descobria e achava pertencente ao nível culto; adaptava, buscava adequar-se à sua escrita. Mesmo que não soubesse escrever – por falta de escolaridade – sabia pensar.

Na obra *Quarto de despejo* marcamos algumas partes que descrevem o desconforto com o lugar em que vivia e o sonho de transformar sua realidade. Ela escreveu sobre: invisibilidade, refugio humano, política e o tema mais recorrente: a fome.

4.2 Invisibilidade

Nos tópicos a seguir optamos por selecionar trechos da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus e apresenta-los em recortes denominados de R1 (Recorte 1), R2, R3 e assim sucessivamente para fins de análise. Entendemos o recorte como uma parte

significativa de um universo maior, mas aqui nos interessa o trecho da fala que nos permita cumprir os objetivos propostos nesta pesquisa. Assim, temos em R1:

R 1 = “Foi sepultado como um Zé qualquer ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome” (JESUS, p. 36).

Esse recorte descreve toda a invisibilidade do sujeito, morreu “como um Zé qualquer”, sem um nome, porque o nome é a primeira forma de se apresentar no mundo e de dizer quem somos.

A língua é um sistema gramatical intrinsecamente social de um grupo e o nome próprio é, de fato, gerador de sentido, a identidade do sujeito. O zé-qualquer pronunciado por Carolina tem o mesmo significado do *zé-ninguém*, segundo o dicionário da Língua Portuguesa Houaiss é: “zé-ninguém: (pl: zés-ninguém) s.m pessoas pobres ou socialmente sem importância um ser invisível”. Já a palavra “marginal” está associada à pobreza. Se aplica também, no sentido figurado, àquele que foi excluído da sociedade ou prefere viver fora dela. Ou no sentido pejorativo, àquele que não respeita leis; criminoso: sujeito marginal. E ela segue com uma crítica profunda e certa, conforme evidenciamos no R2:

R 2 = “Isso não pode acontecer num paiz fértil igual ao meu. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais. ” (JESUS, p. 36).

Nesse recorte observamos o sentido figurado da palavra *marginal*, o sujeito excluído da sociedade, conforme analisado no R1 e que complementa o significado da palavra *desajustados*, sujeito que não se encontra ambientado às circunstâncias sociais em que vive. O prefixo *des* significa negação e afixado ao vocábulo *ajustados* transmite a ideia daquele que não está ajustado, que não se ajusta às normas sociais, à sociedade.

Também temos a expressão “Isso não pode acontecer num paiz igual ao meu [...]” em que Carolina se porta como parte integrante dessa sociedade chamada brasileira. Num tom de revolta, a autora denuncia a condição social sua e daqueles que com ela convivem. “[...] num paiz fértil igual ao meu [...]” confere o tom de revolta, mesmo que grafado em desacordo com a norma culta. Talvez sua escrita seja um protesto contra a imposição de uma norma na fala quando, na verdade, o que se deveria se preocupar seria a condição social em que vivem tantos brasileiros.

Ao mesmo tempo, a negra denuncia a burocracia travestida de “Serviço Social” que, segundo ela, “diz ter sido criado para reajustar os desajustados”. Esse “diz ter sido” é

prende de sentidos, delega a voz ao outro, à instituição Serviço Social que “não toma conhecimento da existência infausta dos marginais”, isto é, daqueles que, como ela, estão à margem.

Pode-se ler nesse recorte o digladiar da (des)construção da identidade da autora. Enquanto o Estado trabalha no sentido de desconstruir uma identidade de uma pessoa que Vive à margem, uma “desajustada”, a escrita de Carolina busca uma identidade, constrói uma identidade toda sua, e somente sua. Em outro recorte a própria autora não consegue se reconhecer ela descreve:

R 3 = “quando passei diante de uma vitrini vi o meu reflexo: Desviei o olhar, porque tinha a impressão de estar vendo um fantasma (JESUS, p. 160).

Quando Carolina tem a impressão de se ver como fantasma, o significado está no sentido figurado que se refere à opacidade, uma pessoa muito magra e muito pálida. Observamos a negação, a desconstrução da identidade, mas também o reconhecimento de si, a construção dessa identidade. Lemos no R3 a destruição, a desconstrução do seu orgulho de ser preta, mas, também, se lermos em seu *diário*, encontramos lá a expressão do seu orgulho, a construção da sua identidade, conforme R 4:

R4 - “Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. ”

A vida no *quarto de despejo* é tão dura que ela vai destruindo o sujeito de todas as formas, tira-lhe a voz, a identidade, a língua, a serenidade do ser, Carolina se impõe pela escritura feita de voz.

4.3 Refugio humano

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa Houaiss “*Refugio*: s.m, o que foi posto de lado resto” e Bauman (2005, p. 12) conceitua *refugio humano* como “os seres humanos, “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puseram ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar”.

O lixo é qualquer material sem valor ou utilidade e, segundo Bauman (2005), o *refugio* é o segredo sombrio e vergonhoso da produção e, quando esse refugio é o ser humano, é apagado todas as suas significações, sem voz, sem identidade, sem valor.

Com o crescimento das cidades e o advento da globalização o consumo desenfreado se deu conforme a intensidade e o volume dos desejos que implicam na substituição cada vez mais acelerada dos objetos destinados a satisfazê-los, resultando em descarte em massa e o descarte não poupa nada, sob pena do ostracismo de uma modernidade sólida que em certos lugares do mundo não existe mais. No R 5 lemos:

R 5 = sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo queima-se ou joga se no lixo. (JESUS, 1960 p. 33).

Rebotalho e *refugo* são palavras sinônimas. “*Rebotalho*: s.m. resto inaproveitável; *refugo* p.ext. coisa inútil, sem valor, quando não há uma “utilidade” para as coisas elas são descartadas. O Quarto de Despejo é descrito como o local onde se coloca o lixo, aquilo que é desnecessário para a sociedade. A autora, diante de sua condição social, se reconhece como “rebotalho”, isto é, como algo inaproveitável, pois “estou no quarto de despejo” e, uma vez que estou no quarto de despejo, lugar de “coisa inútil e sem valor”, o que resta é “queima(r)se ou joga(r)-se no lixo”. Isso é, há uma luta na (des)construção de uma identidade.

R 6 = “favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada (JESUS, 1960 p. 129).

Na sociedade capitalista, diante da falta de capacidade de produtividade e de consumo, ou seja, sem o poder de produzir e consumir, o ser humano perde seu valor intrínseco passando a sair dos grandes centros e permear as margens, fazendo parte dos descartes; e a produção de refugos humanos prossegue atingindo novos ápices, a cidade passa rapidamente a precisar de quartos de despejo.

Num tom de denúncia, Carolina desabafa: “favela é o quarto de despejo de São Paulo”, é onde estão os “rebotalhos”, os “refugos” dessa sociedade. Eu, Carolina, “sou uma despejada”, faço parte dessa massa.

4.4 Fome

A fome é um tema que muito aparece na obra de Carolina. É, seguramente, uma personagem na obra de Carolina, uma fome amarela, como ela mesma definiu. Mas é uma leitura leviana acharmos que Carolina tinha fome apenas de comida. Ela tinha uma fome

existencial, pensava sobre a vida, sobre o suicídio, sobre procedimentos mediados por uma linguagem poética e seca.

Em R 9 lemos:

R 9 = “hoje não tem nada para comer. Queria convidar meus filhos a suicidar-nos. desisti, porque a fome é a pior coisa do mundo”. (JESUS, 1960 p.163).

A fome anula qualquer possibilidade de vida digna, representa uma chacota, constringe a existência humana. E Carolina tem consciência disso. De acordo com Audálio Dantas, prefaciante da obra *Quarto de Despejo*:

A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina. Em sua rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas do mundo - o céu, as árvores, as pessoas, os bichos - ficavam amarelas quando a fome atingia o limite do suportável. (JESUS, 1960, prefácio).

Muitos relatos sobre a fome foram descritos na obra de Carolina Maria de Jesus, como em R10

R 10 = “os meninos estão nervosos por não ter o que comer”

Em toda obra *Quarto de Despejo*, Carolina descreve uma preocupação com os filhos, inclusive ela começa seu diário falando da filha Vera; a preocupação constante de Carolina era sobre que teria para comer pois, quando comem, seus filhos ficam felizes, além de preencher o vazio do estômago o comer tem o significado de preencher um vazio existencial.

R 11 = “é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la”

A fome é tão complexa e imbuída de tantos significados que só sabe descrever quem sentiu, assim como só pode descrever de forma verdadeira quando sente a dor na pele. Para Carolina, a fome existe, é real... E é política.

R 12 = “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora”.

Os governantes precisam entender, se há fome, não há direitos humanos garantidos a alimentação decente elemento básico da condição humana. Carolina tem consciência da

sua condição, mas sua voz, sua escrita denunciadora dessa sua condição. Comida tem um significado de festa, de alegria, ou seja, se estão sempre com fome significa que estão sempre tristes, isso é a grande preocupação de Carolina. Quando a fome atinge o limite o amarelo da alegria passa a ser o amarelo da irritação.

No R 12 existe um significado profundo; em um trecho de seu *diário* ela diz:

R 12 = “As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles. ”

Desde muito pequenos somos ensinados que comer é prazeroso. A amamentação é nosso primeiro contato com o alimento, sinônimo de aconchego e proteção, é comum as crianças fazerem festa. A fome está intimamente relacionada com a pobreza, esta pode ser medida pela prevalência da fome, quando tem comida na mesa é sinal de riqueza. Arroz e feijão era sinal de alegria, geralmente alimentos que Carolina não podia comprar sempre, como observamos na obra estudada há carência de alimentos fontes de vitaminas e minerais, proteínas, verduras e produtos lácteos. Os moradores da favela comem, o que conseguem comprar com o pouco dinheiro.

R 13 = “os meus filhos estão sempre com fome”.

Carolina trabalha dia e noite para dar conta da criação dos filhos. A fome que mais doía era a que notava nos filhos, sabia das consequências da fome, viu pessoas morrerem por não ter o que comer, preocupação constante descrita em seu diário, o fato de não conseguir na maioria das vezes suprir adequadamente a nutrição dos filhos. Entendia que a situação nutricional constitui instrumento essencial para as condições de saúde. “... Resolvi tomar uma medida e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi tudo normalizou-se aos meus olhos. ” (JESUS,1960, p.40)

Comida tem um significado de festa e alegria, ou seja, se estão sempre com fome significa que estão sempre tristes, a grande preocupação de Carolina. Quando a fome atinge o limite, o amarelo da alegria passa a ser o amarelo da irritação.

Em um processo intertextual, Carolina dialoga com João Cabral de Melo Neto, no poema deste intitulado *Os Reinos do Amarelo*:

A terra lauta da Mata produz e exhibe
um amarelo rico (se não o dos metais):

o amarelo do maracujá e os da manga,
 o do oiti-da-praia, do caju e do cajá;
 amarelo vegetal, alegre de sol livre,
 beirando o estridente, de tão alegre,
 e que o sol eleva de vegetal a mineral,
 polindo-o, até um aceso metal de pele.
 Só que fere a vista um amarelo outro,
 e a fere embora baço (sol não o acende):
 amarelo aquém do vegetal, e se animal,
 de um animal cobre: pobre, podremente.
 Só que fere a vista um amarelo outro:
 se animal, de homem: de corpo humano;
 de corpo e vida; de tudo o que segrega
 (sarro ou suor, bile íntima ou ranho),
 ou sofre (o amarelo de sentir triste,
 de ser analfabeto, de existir aguado):
 amarelo que no homem dali se adiciona
 o que há em ser pântano, ser-se fardo.
 Embora comum ali, esse amarelo humano
 ainda dá na vista (mais pelo prodígio):
 pelo que tardam a secar, e ao sol dali,
 tais poças de amarelo, de escarro vivo.
 MELO NETO, João Cabral. “Os reinos do amarelo”

João Cabral de Melo Neto, ao mesmo tempo em que mostra as belezas, riquezas e farturas do amarelo do Nordeste brasileiro em um:

o amarelo do maracujá e os da manga,
 o do oiti-da-praia, do caju e do cajá;
 amarelo vegetal, alegre de sol livre,
 beirando o estridente, de tão alegre,

Também aponta um outro amarelo denunciando que:

[...] que fere a vista um amarelo outro,
 e a fere embora baço (sol não o acende):
 amarelo aquém do vegetal, e se animal,
 de um animal cobre: pobre, podremente.

Só que fere a vista um amarelo outro:
 se animal, de homem: de corpo humano;
 de corpo e vida; de tudo o que segrega
 (sarro ou suor, bile íntima ou ranho),
 ou sofre (o amarelo de sentir triste,
 de ser analfabeto, de existir aguado):
 amarelo que no homem dali se adiciona
 o que há em ser pântano, ser-se fardo.
 Embora comum ali, esse amarelo humano
 ainda dá na vista (mais pelo prodígio):

pelo que tardam a secar, e ao sol dali,
tais poças de amarelo, de escarro vivo.

A temática social em João Cabral é explícita ou velada, mas antes de mais nada é o espanto do poeta diante da realidade. Os Reinos do amarelo, apresenta uma tensão onde os contrários criam uma cromática em tons de amarelo. Vai percorrendo os amarelos possíveis, do amarelo vivo da 1ª estrofe:

“o amarelo do maracujá e os da manga ,
o do oiti e do cajá
amarelo vegetal, alegre de sol livre,”

Até:

“tais poças de amarelo, de escarro vivo.”

Para GALVÃO (2011) “O amarelo biliar e ranhoso do homem cozido pelo sol e pelas injustiças, aí o escarro é vivo. O homem é excremento. São passagens de realismo brutal, o poema todo é uma expectoração. A primeira estrofe dedicada ao reino vegetal, enfatiza o caráter vivificante, que faz do sol a matéria de sua exuberância. Na segunda o amarelo é outro, *“amarelo aquém do vegetal, e se animal, de um animal cobre: pobre, podremente.”* A segunda estrofe estrofia o amarelo e ele perde o sentido vital e nela não só prestará a caracterizar o homem “de ser analfabeto, de existir agitado”, mas o materializa com a matéria mesma dele homem que se rompe em relevos líquidos, pegajosos de viscosidade assustadora”.

Carolina também atribui uma cor à fome: esta cor é amarela. Ao mesmo tempo, o amarelo é a cor da vida, se formos analisar mais à fundo a obra da Carolina de Jesus. Todos os dias Carolina abria a janela ou sentava em algum lugar, olhava para o céu e lá estava o sol, amarelo, iluminando tudo e a todos. João Cabral de Melo Neto descreve no poema *Os Reinos do Amarelo* a primeira parte é uma cor que evoca sentimentos de alegria, felicidade, otimismo alimento, calor riqueza. Na segunda parte mostra um amarelo orgânico caminhando para a putrefação. “(sarro ou suor, bile íntima ou ranho)”.

Entre 6 e 24 horas, uma pessoa com fome, o corpo começa a queimar gorduras para se manter funcionando, é a chamada “cetose”. Liberamos cetona na urina, fezes e respiração – daí o motivo do mau-hálito. Em busca de sobrevivência, é como se o corpo

começasse a comer a si próprio, quebrando as proteínas em aminoácidos e convertendo em glucose. Nota-se dores de cabeça, vertigens. Um processo rápido de desumanização. (O amarelo de sentir triste, de ser analfabeto, de existir agitado), como afirma João Cabral... um ser humano pálido.

4.5 A voz de Estamira

Existe uma aproximação no discurso dessas duas mulheres. Depois de 30 anos aproximadamente de distância entre uma e outra as vozes ecoam, palavras que se assemelham na mesma língua, no mesmo contexto social, ainda dentro do quarto de despejo.

O discurso de Estamira ganha espaço no filme documentário não só como uma velha senhora esquizofrênica, mas como representação desses novos sujeitos que se formam inseridos à margem, contidos de forma excludente.

A personagem caracteriza-se como a voz possível de grupos marginais em nossa sociedade por um lado, mas força produtiva permitida por outro. É um discurso carregado de revolta em relação às situações as quais foi submetida ao longo de toda a vida contra uma sociedade que prioriza determinada estrutura econômica capitalista em detrimento do sujeito.

4.6 Revelar

“Revelar” é a missão de Estamira, ofício que a torna especial destacados em delírio de grandeza; como se ela dissesse: quem tem ouvidos, que ouça! É importante ouvi-la porque, só assim, é possível julgar uma compreensão acerca do encadeamento discursivo da personagem quando esta fala de coisas reais, concretas, sofridas, de traumas mesclando com um certo descontrole e confusão, que podem ser de difícil compreensão para quem nunca vivenciou tais sensações em sua vida.

R 13 = “Além de eu ser Estamira minha missão é revelar a verdade somente a verdade”

Uma das características de Estamira é uma palavra dita com muita ênfase. Ela diz que “sua missão é revelar”, verbo transitivo direto que significa fazer conhecer; divulgar, propagar. Estamira tem como arma poderosa a oralidade. Além de revelar, o nome é bem presente no seu discurso, invisibilidade, transbordo e a própria língua.

R 14 = “Revelei porque eu posso sem avaliação sem repugnância, com muito orgulho com muita honra Estamira eu”

Assim começa o filme documentário, o revelar a torna uma pessoa especial, um aspecto que diferencia a Estamira se achava especial com uma missão de revelar. Ela percebe as coisas ao seu redor e algumas coisas soam como mentira; ela vive em meio ao refugio, ao chorume e sabe que “faz as pessoas viverem na ilusão, e acreditar em coisas que não existem” porque as vezes é resto, mas também vem o descuido.



Figura 1 Estamira (5' 41")

4.7 Nome

Nessa linha de pensamento vamos explorar o substantivo designativo “nome”. O objetivo maior do nome é fazer com que cada um se reconheça como um sujeito importante, possuir um nome que é só seu e o identifica. Estamira tem essa consciência, ela é bem enfática quando diz seu nome, dos amigos e até dos cachorros.

Nomear é existir, ter uma identidade e, talvez por isto, Estamira insista tanto em dizer seu nome. Prado foi preciso ao colocar o título no documentário. O nome, reconhecido, dá forças para resistir. A identidade diz respeito ao sujeito, identificando-se com um determinado grupo, com determinadas pessoas ou, ainda, a partir de um ideal comum.

R 14 = Vocês é comum, eu não sou comum. Só o formato que é comum. Vou explicar pra vocês tudinho agora, pro mundo inteiro: cegaram o cérebro, o gravador sanguíneo de vocês e o meu eles não conseguiram, porque eu to formato gente, carne, sangue, formato homem par, eles não conseguiram. É, a bronca deles é essa. (PRADO, 2004)

Uma característica forte de Estamira é a resistência, como se dissesse a todo tempo “não vou ceder meu corpo a nada”; uma realidade que constitui discurso e individualidade. Em meio ao lixo ela é uma mulher que não se dobra. Se a querem aniquilar, desconstruir a sua identidade, Estamira constrói essa identidade pela oralidade. Impõe-se diante de tudo e todos.

A língua é um código verbal característico, ou seja, um conjunto de palavras e combinações específicas compartilhado por um determinado grupo, um formato comum. O que difere é a linguagem que utilizamos para transmitir nossos conceitos, ideias e sentimentos, ou seja, para podermos partilhar a mesma língua, a forma como ela revela suas ideias é diferente.

Estamira tem um modo peculiar de enxergar as coisas, como ela fala da natureza, dos produtos, como trata as questões do próprio lixo e os desperdícios da vida, a torna um ser especial. Ela surge como uma Guará vermelha do meio dos lixos e recria o mundo com a força das palavras.

4.8 Invisibilidade

Nesse paragrafo vamos tratar sobre a invisibilidade do ser no documentário devido ao transbordo de lixo; o sujeito se perde entre as montanhas de lixo, todos os personagens secundários sempre aparecem pequenos em meio aos dejetos, são criaturas pequenas que dividem o lixão com enormes máquinas compressoras e caminhões gigantes.

Chegando ao lixão, encontra um grupo que inclui velhos, mulheres, eventualmente até crianças que procuram obter objetos, alimentos, não raro, disputando o espaço com urubus. João no filme demonstra uma certa afetividade com Estamira, tem um discurso sereno, porém, não consegue falar, pois Estamira o interrompe. Com sua voz calada ele se retira e quase não o enxergamos em meio ao lixo. Existe o silêncio, nossos olhos nos enganam, o homem se perde, ele sabe escrever, sabe ler, sabe falar, mas quem é ele? Ele é João um homem “sem documento que só quer paz”.

Na figura 2 podemos observar um homem invisível em meio ao lixo, segundo o relato de Estamira, “um homem muito bom, que sabe ler e escrever muito”, se não fosse a camisa com detalhe vermelho passaria despercebido, o lixo e o homem como parte integrante da paisagem degradante.



Figura 2(João deitado em meio ao lixo)

4.9 Transbordo

O lixo transborda, mas percebem-se outros inúmeros excessos: da miséria, da dor, das toneladas de lixo, da negligencia, do abuso sexual. Para Bauman (2005): “O Progresso econômico faz com que modos de existência efetivos se tornem inviáveis e impraticáveis, aumentando desse modo o tamanho das terras desertas que jazem ociosas e abandonadas, e assim, por toda parte, o refugio humano é produzido e germinado em quantidades crescentes” O Planeta está tranbordando. Trásbordar até ficar invisível. Estamira define transbordo como:

R 15 = O além dos além é um transbordo. Você sabe o que é um transbordo? Bem, toda coisa que enche... transborda. Então... o poder superior real, a natureza superior...contorna tudo pra lá, praquele lugar, assim como as reservas. Tem as reservas... na beirada, entendeu como é que é? Nas beiradas ninguém pode ir... home pode ir lá. E aqueles... astros horrorosos... irrecuperável, vai tudo pra lá. Não sai lá mais nunca. Para esse lugar que eu tô falando. Além dos além. Lá pras beiradas,

“muito longe, muito de... muito longe, muito longe... Sanguíneo nenhum pode ir lá..” (PRADO, 2004. Estamira)

Como dizia o poeta Ariano Suassuna: “ao redor do buraco tudo é beira”. É interessante o fato de que Estamira vive em uma situação limite; ela sempre atenta aos impulsos que surgem segundo ela “ Antes d’eu ta com carne e sangue, é Claro, se eu sou a beira do mundo. Eu sou Estamira” (PRADO, 2004, p. 120). O trasbordo tem um significado que ultrapassa o limite, seja de lixo matéria ou psicológico, onde não tem mais a chance de reverter a situação.

É uma instabilidade entre o ideal e o real, instabilidade em relação a imagem de si. Mesmo aqueles que transbordam e ultrapassam a beirada não voltam mais. Nesse fragmento tem significado psicológico “homem nenhum pode ir lá”, real; “toda coisa que enche”



Figura 3 documentários Estamira

R= 16 Eu transbordei de raiva. Eu transbordei de ficar invisível com tanta hipocrisia, com tanta mentira, com tanta perversidade... E a culpa é do hipócrita, mentiroso, esperto ao contrário, que joga pedra e esconde a mão.

Segundo Santos (2016) a pessoa, convertida em personagem pelas lentes de Prado, agregava múltiplas nuances da precariedade, da subalternidade e da segregação, que poderiam ser resumidas em uma única palavra: lixo. Essa raiva expressa a injustiças que Estamira percebe ao seu redor, a sua maneira de suportar uma vida de privações morais e materiais, é através dos protestos,

Tem raiva, nojo dos “hipócritas” aquele que demonstram uma coisa, quando sente ou pensa outra que dissimula sua verdadeira personalidade. “Esperto ao contrário” tem o mesmo sentido que hipócrita e mentiroso, sempre faz uma coisa parecer boa, mas na verdade é pura dissimulação. Assim acontece com boa parte do lixo que são descartados no

aterro sanitário, que as vezes também é descuido, principalmente com as injustiças sociais que acontecem e fazem o refugio humano trasbordar, e se perdem em meio as montanhas de lixo.

4.10 Oralidade

Sabemos que língua é um sistema léxico-lógico e gramatical que existe potencialmente na consciência das pessoas que falam o mesmo idioma. Falar o mesmo idioma gera uma forma de comunicação que permite a uma pessoa compreender e fazer-se compreender.

Observamos que em vários momentos do documentário Estamira balbucia, às vezes grita uma língua estamiral, uma fala enigmática, com sons incompreensíveis de difícil compreensão. Há nessas situações uma separação agressiva gerando uma lacuna de sentidos. Por outro lado, Estamira não tem papas na língua, ela narra com precisão toda violência sofrida, sua indignação com Deus, seus gritos se fundem com trovões, ela fala do lixo, do resto, do descuido, da sua saúde mental e seu auto-controle. Concentra sua denúncia em relação às injustiças que sofreu.

R=17 “Sou doida, sou maluca, sou avogada, sou essas 4 coisas..., mas, porém, consciente, lúcido e ciente... e sentimentalmente. Só comecei a revelar em ’86, a revelar de verdade mesmo, porque era muito abuso. Por isso é que eu estou aqui revelando que o cometa tá na minha cabeça. Sabe o que significa a palavra “cometa”? Comandante!...Comandante natural. Comandante”.

Estamira fala muito, porém, ela tem consciência de si, consciência de seu estado mental, pois sempre tenta se controlar, ela constrói sua identidade a partir da oralidade “sou Estamira” “sou doida” “sou maluca” “sou avogada”; porém, ela sabe quem ela é. Aqui nesse recorte ela usa as palavras „consciente”. O adjetivo *consciente* é usado para indicar alguém que tem consciência ou algo que é feito com consciência; “ciente” que tem ciência ou conhecimento de alguma coisa; que sabe; informado, inteirado, sabedor, uma palavra complementando a outra e “*lúcido*”, adjetivo que se manifesta com luz e brilho;

brilhante, dilúcido, luzente, resplandecente. Essas três palavras dão a entender que Estamira está acertando o embasamento da sua missão de “revelar”

Um outro trecho em que ela impõe sua identidade através da oralidade é quando fala a palavra “comandante” várias vezes como autoafirmação. O adjetivo “comandante” significa aquele que comanda, que dá ordens a subordinados; dirigente. Interessante, pois adjetivo que serve para modificar um substantivo, acrescentando uma qualidade, uma extensão ou uma quantidade àquilo que ele nomeia.

R=17 “O homem é o único condicional seja qual cor for”

A palavra *condicional* é que expressa condição ou suposição; que introduz, contém ou implica uma suposição ou hipótese. Estamira é muito assertiva em suas colocações. Na sequência final do filme documentário, se banha no mar e ali com o mar bravo ela trava um diálogo. O ser Estamira e o mar “Esta-mar”: a natureza se sobrepõe ao lixo.

Simbolicamente, Estamira e o mar partilham da mesma grandeza, mergulha, confronta com as ondas para conquistar seu espaço. No início do documentário observamos uma Estamira banhando-se com canecos de água e no final o revelar de sua grandiosidade, o banho no mar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Diante do que foi exposto parecer as vidas de Carolina e Estamira são vidas "desperdiçadas", podemos destacar o poder do discurso, a existência dessas mulheres pode ser vista como a de simples "transbordo de lixo", por outro, deixa ver "os odiosos montes de lixo só poderiam não existir se, antes de mais nada, não tivessem sido feitos" (Bauman, 2005, p. 9), ou seja, se a elas tivesse sido consentida uma existência mais digna e cidadã. Muitos desses lixos são descuidados, e os coletores são os heróis não decantados da modernidade.

A análise foi fundamental para a compreensão da forma que a sociedade encarava a figura do favelado. Todo preconceito e desprezo sofrido pelos sujeitos do "quarto de despejo", pois nunca antes havia sido descrita de forma tão sincera e realista.

O ser humano ao se comunicar, expõe seus pensamentos e intensões, defende seus pontos de vista. É por meio da língua, sistema de signos históricos e sociais específico aos membros de uma determinada comunidade, que a faculdade da linguagem se realiza sólida, inteiramente, permitindo, dar significado ao seu contexto ao mundo como um todo. Os falantes utilizam a língua das mais diversas formas de acordo com seu contexto social e todas as práticas discursivas devem ter o seu valor. Segundo Bourdieu (1983 p.06) "os que falam consideram os que escutam dignos de escutar e os que escutam consideram os que falam dignos de falar"

Houve também a necessidade, de demonstrar a importância e as características da forma de escrita e oralidade como foram construídas as identidades, a oportunidade chegou até Carolina e Estamira propiciou um espaço, nem sempre é disponível para os Zé qualquer que vivem nas margens, falamos a mesma língua, somos parte da mesma natureza, porem alguma grande parte da sociedade são como fantasmas escondidos em meio ao lixo.

O lixo é um tema constante junto com a invisibilidade a fome, com o advento da globalização houve um aumento muito grande de lixo. Segundo Bauman vivemos na era do curto-prazismo, do desengajamento, da desconfiança, do esquecimento, assuntos atrelados principalmente aqueles que vivem as margens da sociedade, as favelas e os aterros sanitários também são locais de depósito de refugos humanos, a população excedente, amortecedor coletivo e mecanismo puro e simples de exclusão social.

O tema lixo tornou-se uma das maiores preocupações contemporâneas, o lixo é aquilo que se tornou obsoleto, inútil, uma produção cada vez mais ligada a

descartabilidade, seja de matéria ou seres humanos. Bauman comparou o sentido humano como refugo com redundância pois, a palavra significa rejeitos, dejetos, restos, lixo (BAUMAN,2005 p.20).

Os que compõe o refugo humano vivem em situações de insegurança, são maleáveis, descartáveis, essa incerteza somente tende a cresce, sem qualquer perspectiva de mudança.

Conclui-se diante disso que tais questões analisadas, refletidas no decorrer deste trabalho nos mostraram que Carolina e Estamira nos humaniza, abre outros horizontes e recupera na voz e gritos de indignação o encargo de existir.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARCELLOS, Sergio. *Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus*. Sergio Barcellos, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. In: ORTIZ, R. (org.) Bourdieu – Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- EDUARDO, Cléber. Estamira de Marcos Prado. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/estamira.htm>. Acesso em 10 janeiro 2021
- GALVÃO, Cido. Os Reinos do Amarelo, João Cabral de Melo Neto 2011. Disponível em: <https://cidogalvao.blogspot.com/search/label/Brad%20Pitt?m=0>. Acesso em 10 janeiro de 2021
- HOUAISS, A. e Villar, M. de S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo - Diário de uma favelada*. São Paulo. Edição Popular, 1960.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. Revista USP, São Paulo, n.º37, 1998.
- MELLO NETO, J. C. de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1966.
- OLIVEIRA, André. A vida de Carolina de Jesus além da favela do Canindé, seu quarto de despejo disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/14/cultura/1521065374_369396.html Acesso em 08 janeiro 2021
- PRADO, Marcos. *Jardim Gramacho*. Rio de Janeiro: Argumento, 2004.
- FERNANDEZ, Raffaella. *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*. Aetia Editorial, 2019.
- SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; BORGES, Valdeci Rezende. *Quarto de despejo: o espaço na obra de Carolina de Jesus*. Anais do SILEL, v. 3, n. 1, 2013.
- SANTOS, Darlan Roberto. *Escritas do eu na tela: A cine (auto) biografia de Estamira*. Memento, v. 7, n. 1, p. 2-2, 2016.
- VOGT, Carlos. *Trabalho, pobreza e trabalho intelectual: O quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus*. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Filmografia

PRADO, Marcos. *Estamira*. Rio de Janeiro: RioFilme/Zazen, 2004. Filme

<https://www.youtube.com/watch?v=uFQl3uGV7Ss&t=4902s>